

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 1

Ética

Quais os princípios de uma vida boa?

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 1



Quais os princípios de uma vida boa?

ÉTICA



Série: Áreas da Filosofia, n.º 1

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

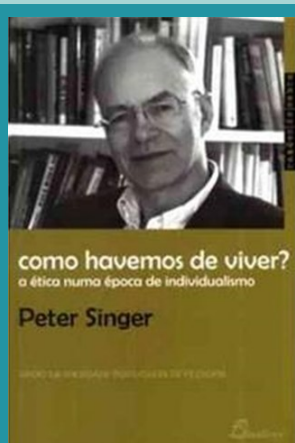
Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2015

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.

Boas pesquisas!

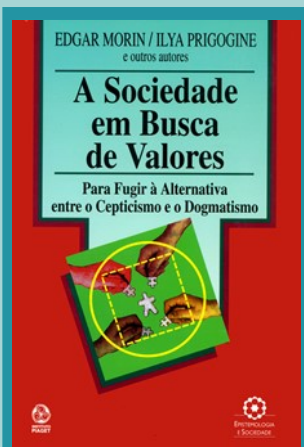


Cota: 17 SIN



«O estado do mundo nos finais do século XX implica que mesmo que nunca sejamos tentados por formas não éticas de fazer dinheiro, teremos sempre de decidir até que ponto devemos viver em função de nós próprios e em função dos outros. Há pessoas que têm fome, estão malnutridas, não possuem casa nem cuidados básicos de saúde e há organizações voluntárias que angariam dinheiro para ajudar estas pessoas. É verdade que o problema é tão grande que uma pessoa não pode ter grande impacto nele e sem dúvida que algum dinheiro será engolido pela administração, ou desviado, ou não chegará às pessoas mais necessitadas por qualquer outra razão. Apesar de estes problemas inevitáveis, a discrepância entre a riqueza do mundo desenvolvido e a pobreza das pessoas mais pobres dos países em vias de desenvolvimento é de tal modo gritante que se apenas uma pequena fração daquilo que damos chegar às pessoas que mais precisam, essa fração fará uma diferença maior para as pessoas que a recebem do que a totalidade do dinheiro doado faria para as nossas vidas.» (p. 27)

Singer, P. (2006). *Como havemos de viver?: a ética numa época de individualismo*. Lisboa: Dinalivro.

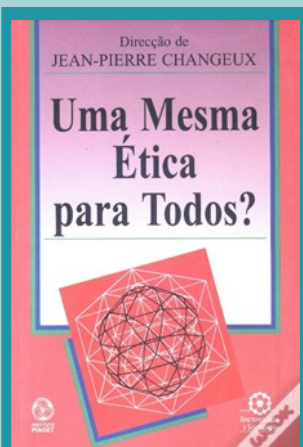


Cota: 17 SOC



«Com o seu culto hedonista-utilitarista do presente, as sociedades do após-dever contribuem para a dissolução das formas de enquadramento e autocontrolo dos indivíduos; minam o sentido do esforço, em benefício dos resultados a curto prazo (a especulação em vez da produção), inclinam-se para a transgressão dos princípios éticos (corrupção, remunerações escondidas, fraude fiscal. Nos EUA um em cada cinco contribuintes comete fraudes sobre o imposto de rendimentos). À medida que se afundam as instâncias habituais de controlo social (a Igreja, o sindicato, o partido, a família, a escola), assiste-se à reconstituição dos guetos com famílias sem pai, com o analfabetismo, tráfico de drogas, com violências e delinquência extremas. Para o conjunto de uma parte da população, a época pós-moralista engendra um individualismo sem regras, «avariado», desestruturado, sem futuro. Esta é apenas uma das faces das nossas sociedades. O sentido da indignação moral não foi, de forma alguma, erradicado; não estamos no grau zero dos valores. As nossas sociedades reafirmam um núcleo estável de valores geralmente aceites: os direitos humanos, a honestidade, a , a tolerância, a recusa da violência e da crueldade» (p. 32).

Lipovetsky, G. (1998). A era do pós-dever. In E. Morin, I. Prigogine., J.-M. Besnier, D. Bourg, P. Bruckner, et al. *A sociedade em busca de valores* (pp. 29-37) Lisboa: Inst. Piaget.



Cota: 17 CHA



«A questão do universalismo em ética é grave. As tensões provocadas pela diversidade cultural e as diferenças de opinião religiosas e políticas, ganharam, com determinados acontecimentos recentes, uma amplitude dramática. Como o salientava, já, Claude Lévi-Strauss no seu célebre ensaio *Race et Histoire*, essa diversidade é, contudo, um fenómeno natural, que deu e dá ainda origem aos piores conflitos e às mais ferozes exclusões. A Antiguidade confundia, já, sob o termo de bárbaro, tudo o que não pertencia à cultura grega e a civilização ocidental utilizou seguidamente o termo de selvagem no mesmo sentido. Ora, em grego, o termo bárbaro é formado a partir duma onomatopeia, que evoca o confuso, o incompreensível. O estrangeiro não fala uma língua humana, ele é “da floresta”, o que significa o termo selvagem. Ele não é homem, mas exterior à cultura humana, porque não se conforma às regras da linguagem, aos costumes com os quais vivemos. A Controvérsia de Valladolid evoca o envio à América, pelos reis de Espanha, de uma delegação para descobrir se os indígenas possuíam ou não uma alma. Recusa-se, espontaneamente, a humanidade aos mais selvagens, aos mais bárbaros, aos clandestinos, aos sem-papéis» (p. 28).

Changeux, J. P. (1999). *Uma mesma ética para todos?*. Lisboa: Instituto Piaget.

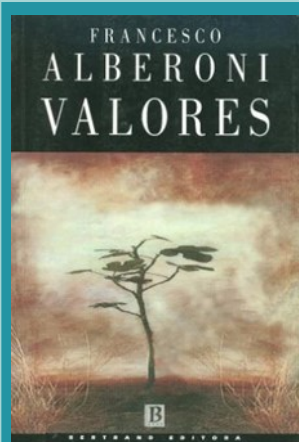


Cota: 17 SAV



«No terreno das relações humanas, estas ambiguidades acontecem ainda com maior frequência. A mentira é geralmente uma coisa má, porque destrói a confiança na palavra - e todos necessitamos de falar para viver em sociedade - e deixa as pessoas de mal umas com as outras; mas às vezes dir-se-ia que pode ser útil ou benéfico mentir em vista de se conseguir certa vantagem. Ou até para se fazer um favor a alguém. Por exemplo: será melhor dizer ao doente que sofre de um cancro incurável, a verdade sobre o seu estado, ou deveremos enganá-lo, a fim de que ele passe sem angústia as suas últimas horas? A mentira não nos convém, é má, mas às vezes parece tornar-se boa. Brigar com os outros, já o dissemos, é normalmente inconveniente, mas deveremos por isso consentir que violem diante de nós uma rapariga sem intervirmos, só para não nos metermos em sarilhos? Por outro lado, aquele que diz sempre a verdade-aconteça o que acontecer-costuma ter problemas com toda a gente; e quem intervém como o Indiana Jones para salvar a rapariga atacada é mais provável que fique com a cabeça partida do que se continuasse a assobiar no seu caminho para casa. O mau parece às vezes tornar-se mais ou menos bom e o bom tem em certas ocasiões a aparência de mau» (pp. 22-23).

Savater, F. (2002). *Ética para um jovem*. (10.ª ed.). Lisboa: Presença.



Cota: 17 ALB



«A separação do espiritual do material, a superioridade do homem sobre tudo o que se criou, o desenvolvimento ilimitado da ciência e da tecnologia são uma componente essencial da história do Ocidente e da nossa mentalidade.

Quando Darwin demonstrou a continuidade da evolução biológica dos seres unicelulares nos macacos e nos homens, a reação foi violentíssima. Porque significava anular o esforço efetuado de gerações em gerações, no decorrer de milhares de anos, para se diferenciar do animal, para construir um reino do espírito e dos fins onde imperasse não o instinto, a necessidade, mas a liberdade.

Foram muitos aqueles que, neste século, sentiram ser preciso subtrair-se à necessidade da biologia e da história, até se distanciarem de si próprios, do seu ser natural. Até chegarem ao paradoxo de julgarem eticamente o próprio mundo, a natureza. Jonas, relendo o existencialismo, notou que, por muitos anos, a filosofia europeia foi dominada pela experiência de estranheza pelo mundo. O conceito existencialista de ser “atirado para o mundo” recorda o exílio gnóstico, que considerava o mundo um lugar de sofrimento e de abjeção, uma prisão da alma» (p. 21).

Alberoni, F. (2000). *Valores*. (6.ª ed.). Lisboa: Bertrand.



Cota: 17 BEC



«De especial relevo na história da ética filosófica e, em particular, no que respeita ao binómio ser-dever, é a posição kantiana. Com efeito, pela primeira vez a felicidade deixa de constituir o fim último da moralidade, passando esta a identificar-se com uma vontade capaz de se autodeterminar plenamente. É, aliás, esta mudança de perspetiva que permite falar-se de revolução copernicana também a nível prático. Tal como, do ponto de vista do conhecimento, o objeto é determinado pela estrutura interna do sujeito - formas *a priori* da sensibilidade e categorias do entendimento - e não o inverso, também no que respeita à ação esta é exclusivamente determinada pelo querer e não por qualquer objeto exterior à vontade, em si mesmo desejável, o que põe de imediato em causa o modelo teleológico aristotélico anteriormente explanado. Por seu turno, uma vontade que fornece os princípios segundo os quais queremos algo (como bom) não é senão a razão na sua vertente prática, o que nos permite, desde já, assinalar duas características basilares da ética kantiana: a sua racionalidade e autonomia. Esta dupla vertente da moral dá bem conta da intenção kantiana de emancipar a ação da esfera sensível, onde obedece às leis determinísticas da natureza...» (p. 30).

Beckert, C.(2012). *Ética*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.



Cota: 17 VID



«A ética sexual assume sempre uma determinada *antropologia sexual*. É necessário recordar que nem a angústia, nem o sentimento de culpa, nem os tabus, nem as tradições pré-científicas podem constituir o fundamento da ética sexual; a *clareza* é, pelo contrário, sua base adequada. Entretanto, nem toda a pretensa compreensão antropológica pode constituir um guia da ética sexual. No âmbito do sadio e inevitável pluralismo de compreensões antropológicas sobre a sexualidade, existem alguns elementos básicos que devem ser respeitados por todos: aceitação dos dados biológicos (genéticos, fisiológicos, anatómicos) e respeito a eles; consideração da sexualidade humana como uma realidade especificamente diferente diante da sexualidade animal; compreensão da sexualidade como integração harmoniosa da genitalidade (*sexus*), da afetividade (*eros*) e da relação interpessoal (*filia*); entender a sexualidade não como uma coisa (meio de prazer, de dominação ou agressividade), mas como linguagem de pessoas, ver a sexualidade como uma importante contribuição ao desenvolvimento permanente do indivíduo e da sociedade; aceitar o caráter ambíguo da sexualidade humana, na medida em que não atinge automaticamente sua finalidade se não há a cooperação responsável do homem» (p.25).

Vidal, M. (2002). *Ética da sexualidade*. São Paulo: Edições Loyola.



Cota: 17 CEN



«*A consciência ética.* Entre as múltiplas afirmações que se leem sobre a ética, encontramos aquela segundo a qual a ética não existe, mas somente existe uma ética da biologia, uma ética da política, etc. Não aceitamos esta tese, na medida em que a ética e a existência estão intimamente ligadas. A ética vivida qualifica o projeto da existência que se constrói a si própria. Assim como a existência humana é mais fundamental que a existência vivida enquanto membro da família, enquanto trabalhador, docente, biólogo ou cidadão, do mesmo modo, a ética pode ser analisada antes da sua inevitável e imprescindível inserção nas várias facetas do real nas quais a nossa existência decorre.

Do mesmo modo, a teoria ética, tal como a teoria do sentido global da existência, pode e deve ser analisada antes de ser particularizada por uma dimensão específica da atividade humana. Deste modo, a consciência bioética supõe a presença de uma consciência ética, uma consciência atenta aos valores aos quais a ética nos abre. E o valor principal da ética é precisamente o da existência que é chamada a construir-se. Chamada por quem?, perguntar-se-á. O conceito de chamamento designa antes de mais nada a exigência de auto-construção que o ser humano reconhece...» (p. 74).

Centro de Estudos de Bioética (1998). *Bem da pessoa e bem comum*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Valores Éticos e Cidadania na Escola

Ramiro Marques



Cota: 17 MAR



«O modelo da educação de caráter é fortemente influenciado pela teoria moral de Aristóteles. Os seus representantes mais conhecidos são os educadores norte americanos Edward Wyne, Thomas Lickona, William Bennet, Kevin Ryan e Stephan Tigner. Estes autores consideram que a principal finalidade da Educação é ensinar a compreender e a apreciar o Bem. A noção de Bem que estes autores defendem está próxima da concepção aristotélica. A felicidade é o Supremo Bem e o propósito da vida é a procura da felicidade. A forma de se alcançar a felicidade é procurar levar uma vida virtuosa.

A virtude máxima é o justo meio, o qual se pode alcançar através do treino, do hábito, do contacto com bons exemplos, com a leitura de grandes obras ou o contacto com grandes homens e grandes mulheres. Agir com prudência, respeitar a autoridade, ser responsável para com os nossos colegas e os nossos superiores, cumprir as nossas obrigações, apreciar as relações de cortesia, escolher e agir com moderação, ser capaz de adiar as gratificações, ser industrioso e trabalhador, tais são as virtudes ou os valores básicos que unem os esforços educativos destes autores. A ênfase é colocada na ação moral e não no desenvolvimento do raciocínio.» (p. 63)

Marques, R. (2003). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Presença.

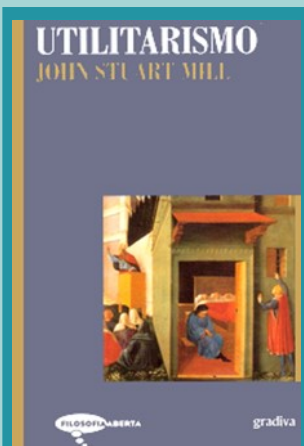


Cota: 17 MOO



«A Ética ocupa-se sem dúvida da questão de saber o que constitui um bom comportamento; mas, ao ocupar-se disto não começa obviamente pelo princípio, a menos que seja capaz de nos explicar o que se entende por bom e por comportamento. Pois a noção de “bom comportamento” é uma noção complexa: nem todo o comportamento é bom – certos comportamentos são sem dúvida maus e outros podem ser indiferentes. Por outro lado, outras coisas, que não o comportamento, podem ser boas, e, sendo assim, “bom” denota uma dada propriedade que lhes é comum a elas como ao comportamento; e se, entre as coisas boas, nos detivermos apenas no bom comportamento, corremos o risco de pensar que se trata desta propriedade quando se trata de uma outra que não é partilhada pelas restantes; e teremos cometido um erro em relação à Ética, mesmo neste sentido restrito, pois não sabemos o que é realmente o bom comportamento. Este é um erro em que muitos autores têm na verdade caído, pelo facto de restringirem a sua especulação ao comportamento. Por essa razão, tentaremos evitar cair nesse erro, considerando em primeiro lugar o que é bom em geral, na esperança de que, caso seja possível obter uma certeza em relação a isso, se torne muito mais fácil decidir...» (pp.8283).

MOORE, G. E. (1999). *Principia ethica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian



Cota: 17 MIL



«A ética normativa é a parte da ética que estuda como devemos agir, ou que tipo de pessoa devemos ser. No âmbito da ética normativa, Mill é um consequencialista. O consequencialismo é uma teoria composta por duas partes: uma teoria do bom e uma teoria do correto. A primeira trata de determinar que estados de coisas são bons, fornecendo também, geralmente, critérios para os comparar – critérios que determinam qual o melhor estado de coisas entre vários. A teoria do correto trata de determinar o que devemos fazer. De acordo com o consequencialismo, o correto consiste em maximizar o bom, ou seja, consiste em gerar o melhor estado de coisas possível, se esse estado de coisas ainda não existe, ou em preservá-lo, se já existe.

O consequencialismo, tal como formulado, pode parecer uma posição inócua e trivial, mas não o é. Há teorias normativas, denominadas “não consequencialistas”, que defendem uma relação diferente entre a teoria do bom e a teoria do correto. Uma teoria não consequencialista típica começa por especificar uma teoria do bom, mas nega, de seguida, que o correto consista sempre em maximizar o bom. O seguinte exemplo ilustra a diferença entre o consequencialismo e o não consequencialismo» (pp.11-12).

Mill, J. S.(2005). *Utilitarismo*. Lisboa: Gradiva.



Cota: 17 TUG



«-Se eu te ganhar, faço algo que te prejudica e isso é mau para ti. Se tiveres mau perder, podes aborrecer-te, mas não há motivo para que os outros se irrite. Pelo contrário, se alguém roubar uma pessoa, todos se sentem indignados, ainda que o roubo não os afete. E a pessoa roubada sente-se moralmente ferida, fica ressentida.

– Assim, vemos aqui três sentimentos diferentes – concluiu Camila.

– Por um lado, a pessoa que comete a falta devia sentir-se culpada, quer dizer, *sente-se culpada* se se reconhece como pessoa de bem. Em segundo lugar, a pessoa afetada pela falta que se comete sente-se ofendida e, por último, as pessoas não afetadas indignam-se, sempre que pressupusermos que se reconhecem como pessoas de bem.

– É isso mesmo – concordou o professor Simões, entusiasmado –, são três sentimentos que estão estreitamente ligados entre si. Agora temos de saber por que temos estes sentimentos. Se estiveram atentos ao que lhes disse, compreendem que isso é o mesmo que perguntar por que consideramos que uma ação é má. Foi esse o motivo que vos trouxe a conversar comigo, não é verdade?

Os jovens concordaram e ficaram em silêncio... » (p. 56).

Tugendhat, E., López, C., & Vicuña, A. M. (2003). *O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre ética*. Lisboa: Presença



Cota: 17 BOU



«Que se pretende dizer quando se fala da *crise dos valores*?

Deixo de lado um primeiro sentido possível, o mais simples, desta expressão. Ela designa, em primeiro lugar, um fenómeno banal, observável em todos os tempos, a saber, que os valores se transformam por efeito de muitos fatores. O que era bom ontem deixa de sê-lo hoje. Isto não significa, evidentemente, que já não haja valores, nem que os valores devam ser considerados desprovidos de objetividade, nem mesmo que se deva trata-los como puras formas. Estas consequências, que frequentemente se tiram de um facto irrecusável, a mudança dos valores, são puramente falaciosas (capítulos 8 e 9).

O sentimento de que há uma “crise de valores” exprime sobretudo o facto de a *koinê* atual não permitir pensar os valores senão sob o modo da irracionalidade, da “arbitrariedade cultural”, da convenção, da convenção, da gratuidade ou ainda do determinismo social. De uma maneira geral, há tendências importantes das ciências humanas, sejam elas a psicanálise ou o marxismo (cujo fracasso político não implica de modo nenhum o fim da sua influência intelectual)...» (p. 41).

Boudon, R. (1998). *O justo e o verdadeiro*. Lisboa: Instituto Piaget.



Cota: 17 PIN



«O mais apaixonante da cultura dos nossos dias é que nos encontramos num momento de fratura da história, a exigir de todos e de cada um a aposta na imaginação criadora, prospetiva e profética, inauguradora dum futuro inédito que seja essencialmente presença de novos possíveis. Neste contexto, emerge a relevância da reflexão ética que deve ser aberta e aprofundada, o mesmo é dizer, fiel ao homem e ao humano, pois nem se contenta com «receitas» imutáveis repetidas acriticamente, nem pactua com o «agradável aos ouvidos» em determinada situação histórica e cultural.

Um olhar atento sobre o mundo faz-nos descobrir facilmente determinadas situações que parecem dificultar ou esvaziar de conteúdo, ou mesmo negar, a dimensão ética do existir humano. É o caso das diferenças ideológicas, culturais ou religiosas, geradoras dum pluralismo de opiniões e de posições, que em vez de servirem à riqueza da reflexão ética, facilmente degeneram num relativismo insípido. É o caso do individualismo fechado, em que cada um se arvora em medida e justificação de tudo, abrindo caminho à anomia. É o caso da ciência confinada às fronteiras do poder bárbaro sobre o mundo, transformada em religião dos meios, desembocando assim no cientismo» (p.17).

Pinto, J. R. C. (2006). *Bioética para todos*. Braga : Editorial

Artigos introdutórios

[A Distinção Facto/Valor](#) (Roger Crisp)
[A Ética da Crença](#) (Peter Singer)
[A Ética da Prática Filosófica](#) (R. W. Hepburn)
[A Ética de John Stuart Mill](#) (Faustino Vaz)
[A Ética de Kant](#) (James Rachels)
[A Ética do Aborto](#) (Pedro Galvão)
[A ética e a Bíblia](#) (James Rachels)
[A Ética Empresarial](#) (Robert C. Solomon)
[A Distinção Confusa e Nociva entre Éticas Formais e Éticas Materiais](#) (Anthony Kenny)
[A Filosofia Moral de Kant](#) (Anthony Kenny)
[A Importância Moral do Sofrimento](#) (Peter Singer)
[A pobreza das objecções à clonagem humana reprodutiva](#) (John Harris)
[A Primeira Formulação do Imperativo Categórico de Kant](#) (John Rawls)
[A Questão da Objectividade em Ética](#) (James Rachels)
[A Religião e o Sentido da Existência](#) (Álvaro Nunes)
[A sabedoria da repugnância](#) (Leon R. Kass)
[A Teoria Moral de Kant](#) (Elliott Sober)

Ética | Crítica na Rede
[clique na imagem para aceder ao recurso]



Internet Encyclope

A Peer-Reviewed Academic Resource

A B C D E F G

ABOUT


EDITORS

DESIRED ARTICLES

SUBMISSIONS

VOLUNTEER

PRINT

 Printer-Friendly Version

STAY CONNECTED

Ethics


The field of ethic
concepts of right a
general subject an
where our ethical
Do they involve n
questions focus o
judgments, and t
practical task, wh
may involve artic
or the consequen
controversial iss

Internet Encyclopedia of Philosophy

[clique na imagem para aceder ao recurso]



BBC Sign in News Sport Weather iPlayer TV R

 This page has been archived and is no longer being updated. [Find out more about page archiving.](#)

Ethics guide

Ethics: a general introduction

Ethics are a system of moral principles and a branch of philosophy which defines what is good for individuals and society.

On this page

- What is ethics?
- What use is ethics?
- Ethics and people
- Are ethical statements objectively true?
- Four ethical 'isms'
- Where does ethics come from?
- Are there universal moral rules?

[Print this page](#)

What is ethics?

At its simplest, ethics is a system of moral principles. They affect how people make decisions and lead their lives.

Ethics is concerned with what is good for individuals and society and is also described as moral philosophy.

The term is derived from the Greek word *ethos* which can mean custom, habit, character or disposition.

Ethics covers the following dilemmas:

- how to live a good life
- our rights and responsibilities
- the language of right and wrong
- moral decisions - what is good and bad?

Ethics | BBC

[clique na imagem para aceder ao recurso]







ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA
SCHOOL AND LIBRARY SUBSCRIBERS

S GALLERIES LISTS Search Britannica

Ethics

Philosophy

Written by: Peter Singer |  2    

Alternative title: *moral philosophy*

Ethics, also called **moral philosophy**, the discipline concerned with what is morally good and bad, right and wrong. The term is also applied to any system or theory of moral values or principles.


Should we live? Shall we aim at happiness or at [knowledge](#), [virtue](#), or the possession of beautiful objects? If we choose happiness, will it be our own or the happiness of all? And what of the more particular questions that face us: is it right to be dishonest in a good cause? Can we justify living in opulence while elsewhere in the world people are starving? Is going to war justified in cases where it is likely

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA

[clique na imagem para aceder ao recurso]



BBC Sign in News Sport Weather iPlayer TV R

 This page has been archived and is no longer being updated. [Find out more about page archiving.](#)

Ethics guide

Ethics: a general introduction

Ethics are a system of moral principles and a branch of philosophy which defines what is good for individuals and society.

On this page

- What is ethics?
- What use is ethics?
- Ethics and people
- Are ethical statements objectively true?
- Four ethical 'isms'
- Where does ethics come from?
- Are there universal moral rules?

[Print this page](#)

What is ethics?

At its simplest, ethics is a system of moral principles. They affect how people make decisions and lead their lives.

Ethics is concerned with what is good for individuals and society and is also described as moral philosophy.

The term is derived from the Greek word *ethos* which can mean custom, habit, character or disposition.

Ethics covers the following dilemmas:

- how to live a good life
- our rights and responsibilities
- the language of right and wrong
- moral decisions - what is good and bad?

Ethics | BBC

[clique na imagem para aceder ao recurso]



ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA
SCHOOL AND LIBRARY SUBSCRIBERS

S GALLERIES LISTS Search Britannica

Ethics

Philosophy

Written by: Peter Singer |  2    

Alternative title: *moral philosophy*

Ethics, also called **moral philosophy**, the discipline concerned with what is morally good and bad, right and wrong. The term is also applied to any system or theory of moral values or principles.

Should we live? Shall we aim at happiness or at **knowledge**, **virtue**, or the possession of beautiful objects? If we choose happiness, will it be our own or the happiness of all? And what of the more particular questions that face us: is it right to be dishonest in a good cause? Can we justify living in opulence while elsewhere in the world people are starving? Is going to war justified in cases where it is likely

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA

[clique na imagem para aceder ao recurso]





Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2015